

Sobrados e casas térreas no Recife: tipos em transformação

Townhouses and bungalows in Recife: types in transformation

Casas estrechas y casas de una planta en Recife: tipos en transformación

NÓBREGA, Maria de Lourdes Carneiro da Cunha; Professora Doutora; Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

lourdinha@hotmail.com

PEREIRA, José Nilson de Andrade; Professor Mestre; Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

pereirajn@uol.com.br

Resumo

Os sobrados e as casas térreas são tipos arquitetônicos formadores e presentes na paisagem urbana do Recife, em processo de transformação e com risco de desaparecimento. À luz de uma análise tipológica, das abordagens de Nelson Brissac Peixoto (1990, 2003), Robert Venturi (1977) e conceitos do marketing varejista apresentam-se as principais transformações morfológicas dos referidos tipos arquitetônicos predominantes nos Sítios Históricos do Centro do Recife. Demonstra-se a importância desses tipos na paisagem histórica do centro histórico e seu processo de transformação e descaracterização através do uso dos imóveis pelas atividades de comércio e serviços.

Palavras-chave: Comércio. Patrimônio Histórico. Morfologia Urbana.

Townhouses and bungalows in Recife: types in transformation

Abstract

The architectonic types of townhouses and bungalows that mark and shape the urban landscape of Recife are undergoing a process of transformation and at risk of extinction. Drawing on a typological analysis, the approaches of Nelson Brissac Peixoto (1990, 2003) and Robert Venturi (1977), and the concepts of retail marketing, this study outlines the principal morphological changes occurring in these predominant architectonic types in the historical landscape of the City Center and the way they are being transformed and losing their character as a result of the use of properties for the purposes of commerce and provision of services.

Keywords: *Commerce. Heritage Protection. Urban morphology.*

Casas estrechas y casas de una planta en Recife: tipos en transformación

Resumen

Las casas estrechas y casas de una planta son tipos arquitectónicos formadores y presentes en el paisaje urbano de la ciudad de Recife, en proceso de transformación y en riesgo de desaparición. A la luz de un análisis tipológico, de los abordajes de Nelson Brissac Peixoto (1990, 2003), Robert Venturi (1977) y de conceptos del mercadeo minorista, se presentan las principales transformaciones morfológicas de los referidos tipos arquitectónicos predominantes en los Sitios Históricos del Centro de Recife. Se demuestra la importancia de esos tipos en el paisaje histórico del Centro y sus procesos de transformación y descaracterización a través del uso de los inmuebles para actividades de comercio y servicios.

Palabras clave: Comercio. Patrimonio Histórico. Morfología urban

1 Introdução

As áreas históricas do centro do Recife não só ilustram, através da sua paisagem, o processo de formação da cidade, como o seu antigo tecido urbano apresenta transformações físicas representativas dos diversos momentos de práticas arquitetônicas e urbanas que nela ocorreram. Neste processo, formador da paisagem ora existente, a atividade comercial, tema motivador desta pesquisa, esteve sempre presente.

Dentro deste processo formador da paisagem que hoje se apresenta, observa-se que, apesar das áreas históricas serem reconhecidas pelo Poder Público municipal como áreas de preservação de seu patrimônio construído, a arquitetura presente no seu espaço urbano está em um processo de descaracterização. Espaços públicos e edificações são modificados fisicamente em função da presença das atividades comerciais; modificações estas que contribuem para um crescente processo de descaracterização da arquitetura, em especial das áreas determinadas legalmente como sítios históricos.

Nessa dinâmica urbana, o comércio de varejo é tomado muitas vezes como alternativa, pois dá a possibilidade de uso a edificações históricas que não mais abrigam o uso habitacional, pois este uso passou a pertencer a bairros periféricos, como também pode ser visto como um problema, pois, pode contribuir como será apresentado no desenvolvimento deste artigo, para um processo de descaracterização dos sítios históricos.

O fato é que o comércio varejista aí está, ocupando à sua maneira o espaço físico, gerando novas formas de relações sociais, movimentando a economia e transformando a imagem da cidade. A identificação dos processos transformadores da arquitetura presente nos sítios históricos, aqui apresentados, vem contribuir com possíveis ações de controle e planejamento urbano as quais venham atender tanto às necessidades deste comércio, que dinamiza a cidade, quanto às demandas da preservação e conservação do patrimônio histórico urbano.

Assim, apresenta-se e são definidos os tipos arquitetônicos predominantes e formadores da arquitetura que define os sítios históricos do centro, denominados “sobrados e casas térreas” e as suas transformações que interferem na paisagem histórica preservada. Em seguida as transformações morfológicas identificadas são analisadas à luz das abordagens de teóricos que tratam tanto da arquitetura quanto da paisagem, como Nelson Brissac Peixoto (1990, 2003) e Robert Venturi (1977) e, também, por conceitos pertinentes ao marketing varejista..

2 O sobrado e a casa térrea. Tipos que definem a paisagem

Devido a escassez de terras, em um ambiente entrecortado por rios e limitado pelo mar em sua porção leste, o processo de formação da inicial do Centro Histórico do Recife /PE (bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista) se deu a partir da construção de edificações que tendiam à verticalização, coladas umas às outras em suas laterais, situadas no paramento da via em lotes estreitos e compridos. Dessa forma, prevalecia no espaço urbano um tipo de edificação com mais de um pavimento, onde, predominantemente, o comércio ou as atividades de serviços (ligadas ao trabalho escravo) situava-se no andar térreo e o uso residencial ou de alojamento situava-se nos andares superiores, ou seja, um tipo de edificação denominada sobrado (figura 01).

Segundo Robert Smith (1979, p. 231):

(...) o inventário de 1654 evidencia o fato da maioria das antigas casas do Recife terem no andar de baixo lojas onde a família, que morava no sobrado, estabelecia seus negócios, costume esse que se pode notar através de todo o mundo português e observado frequentemente (sic) pelos viajantes de outros tempos em Portugal, no Brasil e em Goa. Tão generalizado era este costume, que a expressão “loja” era arbitrariamente aplicada ao andar térreo das casas de cidade na terminologia portuguesa antiga, chamando-se, portanto, os andares intermediários, quando existem, “sobrelojas”.

Neste período, havia uma diferenciação no mercador que comercializa em lojas de sobrado e aquele que comercializa em lojas de casa térrea. O primeiro faz-se identificar por mercador de sobrado, comerciante por atacado, que muito provavelmente através da mascateação, enriqueceu e estabeleceu seu comércio no sobrado (NÓBREGA, 2008).

“Aventureiros enriquecidos nas minas, alguns deles reinóis, dos chamados pés-de-chumbo, bem sucedidos nos negócios, ‘marinheiros’ que começaram vendendo alho e cebola, ou mascateando pelo interior e pelas ruas, para terminaram ‘mercadores de sobrados’”. (FREYRE, 2003, p. 111).

Já o comércio situado em casas térreas era, predominantemente, dedicado ao varejo e exercido pelos mercadores de loja, os quais praticavam o trabalho manual de medir e pesar mercadorias (MELLO, 2003, p. 209).

Mas foi sem dúvida no Recife que se antecipou, entre nós, por um conjunto de circunstâncias já sugeridas, o tipo de edifício mais caracteristicamente urbano. Sobrados patriarcais de três, quatro e, na primeira metade do século XIX, até cinco ou seis andares. Sobrado onde as atividades da família – ainda parcial e já burguesa – começaram a espalhar-se em sentido quase puramente vertical mas com o mesmo luxo e a mesma largueza dos espaços das casas-grandes de engenho. Assim, o sobrado que Kidder conheceu no Recife dos primeiros tempos da Independência - casas de seis andares, escreveu ele, “de um estilo desconhecido nos outros pontos do Brasil”. Esse estilo de casa era típico da habitação dos recifenses mais ricos – os comissários de açúcar Os fidalgos do comércio. No andar térreo, ficavam o armazém e a senzala; no segundo, o escritório; no terceiro e no quarto, a sala de visitas e os quartos de dormir; no quinto, as salas de jantar; no sexto, a cozinha. E ainda por cima desse sexto andar havia um mirante, ou cocuruto, de onde se podia observar a cidade, admirar a vista dos arredores, gozar o azul do mar e o verde dos mamoeiros, tomar fresco. (FREYRE, 2003, p. 152)



Figura 01. Casas térreas e sobrados no Recife.

Fonte: Freyre (2003)

Protagonistas de um espaço pontuado pelas torres das igrejas, os remanescentes dos sobrados e casas térreas que modelavam as vias e os espaços da cidade tradicional, conformam o tecido urbano dos sítios históricos do Recife. E assim, por delimitarem as vias e por, nem sempre, obedecerem alinhamentos existentes (seja de altura, seja da linha do paramento), esses edifícios passaram por um primeiro período de transformação, após a vinda da coroa portuguesa para o Brasil, através da contratação pela Câmara Municipal do Recife, em 1828, do

engenheiro alemão João Bloem para ser o “Encarregado da Architectura da Cidade” (SOUZA, 2002).

João Bloem estabelece, primeiramente, que sobrados e casa térreas deveriam suprimir as biqueiras, estabelece também alturas para as construções, bem como altura de portas e janelas, colocação de platibandas e cornijas.

Desta forma, os edifícios a serem construídos e mesmo os existentes passaram por um processo de transformação, nas suas configurações externas, onde platibandas, cornijas e foram acrescentados, portas e janelas passaram a obedecer à quantidade e altura pré-definidas. Essas primeiras regras vêm depois, integrar o conjunto de regras promulgado em 1839, denominado “As Posturas Adicionais da Architectura, Regularidade e Aformosamento da Cidade” (SOUZA, 2002).

Assim, regularizados e acrescidos de platibandas e cornijas (ornadas ao estilo eclético em voga no final do século XIX e princípio do século XX) sobrados e as casa térreas adentram o século XX, apesar de seu Centro tradicional passar por processos de transformação diversos, como aberturas de avenidas (Dantas Barreto e Guararapes) – que demoliram parte dos edifícios ainda remanescentes de ocupação de séculos anteriores – e mudanças de paradigmas estéticos-constructivos a partir do desenvolvimento da Arquitetura Moderna na cidade, onde a arquitetura tradicional cedeu espaço à linguagem arquitetônica que se inseria (figuras 02 e 03).



Figura 02. Panorama do Recife no século XIX, bairro de São José. Sobrados e casas térreas pontuadas pelas torres das igrejas marcam a paisagem.

Fonte: Museu da Cidade do Recife, litografias de Frederick Hagedorn, 1855.



Figura 03. Panorama do Recife do século XXI, bairro de São José. Sobrados e casas térreas ainda são remanescentes da paisagem do século XIX.

Fonte: Museu da Cidade do Recife, Josivan Rodrigues, 2014.

O poder da resistência de sobrados e de casas térreas remanescentes do tecido tradicional se dá, inclusive, na capacidade de introduzir novos elementos “geometrizados” no tratamento das fachadas, que incorporam parte desta nova linguagem em adornos e/ou elementos constructivos. Pode se afirmar que esses edifícios constituem tipos edificadores caracterizadores da paisagem dos sítios

históricos do Centro do Recife que vieram a ser instituídos como área de preservação na década de 1980 (ver figuras 04, 05 e 06).



Figuras 04, 05 e 06. Edificações do bairro de São José fotografadas na década de 1970 para o levantamento que subsidiou a instituição dos Sítios Históricos no Recife (Decreto no 13.957 / 1979).

Fonte: Acervo da Prefeitura da Cidade do Recife.

3 Que tipo é esse? Transformações da paisagem histórica pela mudança do tipo

A criação de um tipo depende da existência de uma série de construções que tenham entre si uma evidente analogia formal e funcional. Em outras palavras, quando um tipo é definido pela prática ou pela teoria da arquitetura, ele já existia na realidade como resposta a um complexo de demandas ideológicas, religiosas ou práticas ligadas a uma determinada situação histórica em qualquer cultura (ARGAN, Giulio Carlo in NESBIT (2006), p. 269)

Apesar de ainda predominarem morfologicamente nas áreas históricas do Centro, chama a atenção o processo acelerado de transformação dos sobrados e das casas térreas que ocorre desde a instituição das posturas municipais estabelecidas por João Bloem, na primeira metade do século XIX até os dias atuais, especialmente em virtude de demandas relativas ao uso dos imóveis que inicialmente se caracterizavam por abrigar o uso misto (residência e comércio) e passaram a apenas abrigar o uso comercial, predominantemente de varejo, com andares superiores ao térreo utilizados para depósito do estoque e/ou administração do negócio em detrimento ao uso habitacional.

Ressalte-se que é a partir do final da década de 1960 e princípio da década de 1970, que o Recife entra economicamente em uma nova fase. A crescente expansão industrial e a integração das economias regionais levam à

institucionalização da Região Metropolitana do Recife (RMR) “A metropolização representou, para o Recife, uma descentralização de atividades e uma redefinição funcional entre espaços da economia”. (ZANCHETI; MARINHO; LACERDA, 1998, p. 14).

Também a partir dos anos 1960, com incentivo do Poder Público, cresce a indústria automobilística no Brasil. O crescimento da frota de automóveis contribuiu para a metropolização urbana. E alguns consumidores do varejo, aqueles representantes das classes média e alta, passam a serem consumidores motorizados. As edificações do Centro também deixam de ser atrativas para a habitação desta classe motorizada, que procura novas formas contemporâneas de morar.

Na zona sul da cidade (bairro de Boa Viagem) e em direção ao seu interior (bairros Espinheiro, Parnamirim, Casa Forte) localizaram-se os dois maiores vetores de expansão urbana. Para essas áreas migrou a população das classes média e alta a partir da década de 1960. Junto com esse deslocamento populacional, seguiu-se o deslocamento das atividades de comércio e serviços especializados dirigidos para o padrão de consumo dessas classes sociais (NÓBREGA, 2008).

Esse deslocamento das atividades de comércio e serviços especializados, nas décadas de 1960 e 1970, para localizações como as Avenidas Domingos Ferreira e Conselheiro Aguiar, vias que cruzam o bairro de Boa Viagem, teve grande impacto para os bairros do Recife, Santo Antônio e São José, contribuindo para a perda de importância da área central do Recife como localização deste comércio e passando a abrigar atividades de comércio e serviços voltadas para os consumidores usuários do transporte público, visto que o Centro abriga rotas terminais e baldeações importantes de ônibus.

As modificações dos sobrados e casa térreas ocorrem principalmente por não mais abrigarem o uso residencial de épocas anteriores e passarem a possuir unicamente o uso de comércio e/ou serviços. Assim, o tipo sobrado e o tipo casa térrea remanescentes do final do século XIX passam a sofrer rápidas transformações morfológicas, transformações essas que, muitas vezes, estão presentes em trechos contínuos de ruas do tecido histórico e acabam por descaracterizar a paisagem histórica existente.

Assim, abertura de porta(s) larga(s) no térreo (em detrimento de portas estreitas ou portas e janelas), acréscimo de altura da platibanda (com ou sem acréscimo de pavimento superior), marquise aposta na fachada, mudança de inclinação da cobertura, modificações nas aberturas que compõem o corpo do edifício, mudança de materiais (de cobertura, revestimento de fachadas, etc.), interligação de dois ou mais imóveis (muitas vezes com unificação dos elementos de fachada) vêm constituir mudanças frequentes verificadas nas fachadas e volume das edificações em consideração aos tipos remanescentes do século XIX que caracterizam a morfologia da cidade tradicional e são entendidos para fins desta análise como “edifícios modificados” (figura 07).



Figura 07. Sobrados modificados, bairros DA Boa Vista.

Fotografia: Nani Azevedo, 2014.

A utilização de portas largas, no pavimento térreo, em detrimento às portas estreitas existentes nos edifícios do século XIX, reforça a necessidade da vitrine na arquitetura comercial. Vitrine esta que não é necessariamente a caixa de vidro para a exposição de mercadorias, mas o vão através do qual o transeunte visualiza a mercadoria do estabelecimento – quanto maior o vão, melhor a apreensão visual.

As marquises fornecem sombra e proteção aos transeuntes que utilizam os passeios de áreas comerciais. Todavia, as marquises surgem, nos imóveis levantados, não como um elemento contínuo de cobertura para proteção do transeunte que utiliza o passeio (apesar disto acontecer por consequência), mas, apostas acima das portas largas, surgem da necessidade de proteção das mercadorias ou da loja das intempéries, para esta nova e permanente larga abertura que é a porta larga.

O sobrado remanescente do século XIX, que nos pavimentos superiores detinham o uso habitacional passa agora a possuir seus pavimentos superiores para o uso de depósitos e administração do negócio. Muitos depósitos, inclusive, servem a outros comerciantes da área. As transformações ocorridas no corpo do edifício (fechamento ou aberturas de vãos, aumento do número de pavimentos, modificação do coroamento existente) vêm responder a estas novas demandas funcionais do edifício, as quais procuram atender às necessidades da utilização do espaço, seja como depósito, seja como administração, ou mesmo ambos.

Os “edifícios modificados”, apesar das transformações ocorridas, estão inseridos na malha urbana do sítio estudado, mantendo certas características de

fachada que ainda torna possível compreendê-lo como edificação remanescente do sobrado ou da loja do século XIX. As principais modificações dos sobrados e casa térreas que geram novos tipos arquitetônicos são (figura 08):

- abertura de porta larga.
- abertura de porta larga e marquise aposta na fachada.
- abertura de porta larga e acréscimo de platibanda (geralmente por acréscimo de pavimento).
- abertura de porta larga, acréscimo de platibanda e marquise aposta na fachada
- abertura de porta larga, acréscimo de platibanda, marquise aposta na fachada e mudança de inclinação da coberta.
- modificações no material da coberta. A troca de material pode também ocorrer no edifício caracterizado.
- modificações nas aberturas que compõem o corpo do edifício (pavimentos acima do térreo).
- conjugação e/ou interligação entre imóveis.

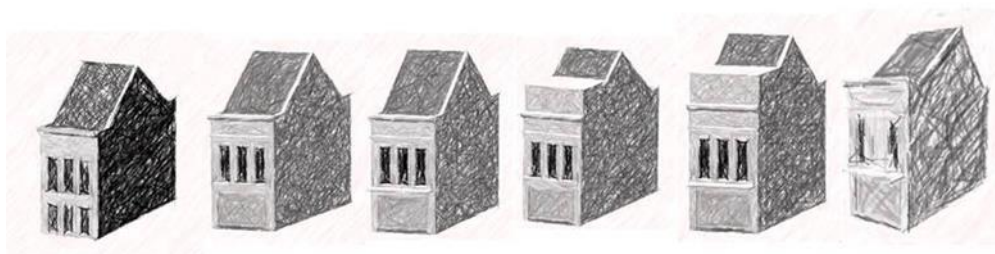


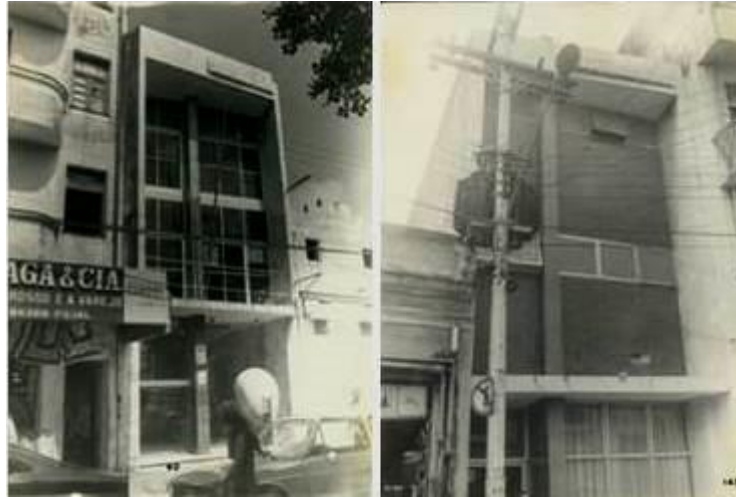
Figura 08. Croquis / esquematização dos novos tipos gerados a partir das modificações identificadas nos edifícios históricos.

Mas, eis que surge, em diversas situações edifício descaracterizado, que não trás consigo elementos construtivos ou uma composição de fachada que o remeta para a arquitetura do século XIX no Recife. Individualmente ele não pode ser reconhecido como edifício de valor histórico.

Edifício de linhas abstratas (com fachadas simplificadas, sem adornos ou proposições de variedades de elementos arquitetônicos de composição) insere-se volumetricamente na malha urbana histórica, introduzindo novos elementos de composição em relação ao tratamento das fachadas remanescentes do século XIX, mas que nega uma relação compositiva com a arquitetura existente, remanescente do século XIX. A única semelhança com o edifício comercial que o antecede historicamente está na sua inserção na malha urbana histórica caracterizada esta por possuir lotes estreitos e profundos; sua ocupação é, assim como os sobrados, verticalizada com apenas uma fachada visível ao usuário da via. No entanto, esta fachada responde ao novo programa comercial do século XX e início do século XXI, composto de loja no térreo e depósito nos demais pavimentos.

Na iconografia pertinente aos anos de 1970 (pertencente aos estudos que subsidiaram a instituição dos sítios históricos no Recife) foram encontrados edifícios

que, morfologicamente, não faziam parte da estrutura apresentada para o edifício do século XIX, edifício este que, como já foi visto, representava a loja em sobrado. Esses edifícios, já do século XX, reformados ou reconstruídos no antigo tecido urbano central, haviam incorporado a linguagem do movimento moderno da arquitetura, traduzindo em suas fachadas valores compositivos tais como: fachadas livres, com grandes planos de vidro, estruturas aparentes e independentes (figuras 09 e 10).



Figuras 09 e 10. Edifícios que incorporaram a linguagem do Movimento Moderno da arquitetura no bairro de São José, fotografados na década de 1970 para o levantamento que subsidiou a instituição dos Sítios Históricos no Recife (Decreto no 13.957 / 1979).

Fonte: Acervo da Prefeitura da Cidade do Recife.

Também no século XX, aparecem transformações do edifício histórico ou substituições desses edifícios por outros que se caracterizam pela supressão dos elementos compositivos do corpo da fachada frontal do edifício, o qual, após reformado recebe um invólucro com pouco ou nenhum elemento de composição (figura 11).



Figura 11. Edifício que perdeu os elementos / adornos caracterizadores do edifício histórico no bairro de São José, fotografado na década de 1970 para o levantamento que subsidiou a instituição dos Sítios Históricos no Recife (Decreto no 13.957 / 1979).

Fonte: Acervo da Prefeitura da Cidade do Recife.

Apesar da forma despojada de adornos adotada para o novo volume, não é percebida a intenção de se buscar, nas reformas analisadas, uma modernidade (enquanto estilo arquitetônico), mas de se adequar de forma utilitária às premissas de loja no térreo e depósito/administração nos pavimentos superiores (sem maiores custos para tal). Desta forma, e com base na análise das transformações que ocorrem nas edificações estudadas, os edifícios comerciais descaracterizados são aqui denominados de edifícios *containers* (figura 12).

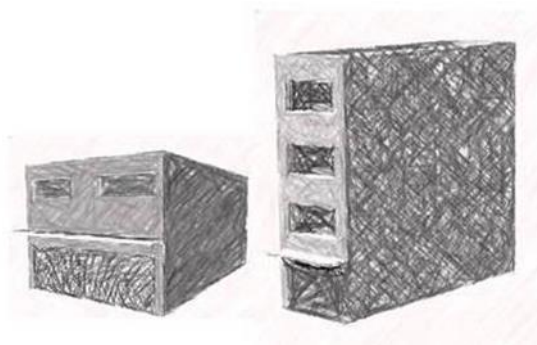


Figura 12. O tipo *container*.

3 O marketing e a loja, que também pode ser galpão decorado, pato, hacienda mexicana, sobrado enfeitado, etc.

No século XX e princípio do século XXI, a velocidade imposta pelos meios de comunicação e os automóveis modificaram o olhar do observador urbano. Este novo

observador, situado em meio a uma economia flexível, é também um novo comprador e, antes de tudo, um consumidor ávido por novos objetos a serem consumidos.

Neste âmbito, se destacam inicialmente os nomes de Nelson Brissac Peixoto - *O Olhar do Estrangeiro* (1990) e *Paisagens Urbanas* (2003) - e Robert Venturi - *Aprendendo com Las Vegas* (1977) - como pensadores de uma arquitetura do edifício comercial e suas relações com o espaço urbano. Os conceitos e valores acerca do novo olhar do observador urbano, abordados por esses autores, auxiliam o entendimento e análise do processo de transformação dos edifícios comerciais na cidade, sob o novo contexto da sociedade do final do século XX e início do século XXI.

Nelson Brissac Peixoto aponta a observação do espaço urbano através da velocidade imposta pelos automóveis e os meios de comunicação. Neste sentido, ambos modificam a constituição da realidade, influenciando as transformações vigentes, modificando de tal forma as estruturas urbanas que o indivíduo que vive nas grandes cidades é:

um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez mais longe, cada vez mais rápido. E esta crescente velocidade determinaria não só o olhar, mas sobretudo o modo pelo qual a própria cidade, e todas as outras coisas, se apresentam a nós. (PEIXOTO, 1990, p. 361)

Peixoto diferencia o olhar do pedestre, usuário da estrutura urbana anterior ao século XX, do passageiro em veículo automotivo, usuário das cidades contemporâneas, o veloz transeunte urbano. As cidades “tradicionais, anteriores ao século XX, eram feitas para serem vistas de perto, por alguém que andava devagar e podia observar o detalhe das coisas” (PEIXOTO, 1990, p. 361), cidade onde o ornamento e detalhes da arquitetura construiriam a representação.

A herança deixada pela estética do século XIX como legado ao atual transeunte urbano consistiria no entendimento da participação deste transeunte em todos os fenômenos que ocorrem no espaço público. O novo transeunte urbano, tal como o flaneur do século XIX, é visto como um também elemento transformador e constituinte do ambiente, fenômeno descrito por Coutinho (1998).

Na cidade contemporânea, a arquitetura vivenciada pelo veloz transeunte urbano

(...) sob impacto da velocidade, perde espessura. A construção tende a virar só fachada, painel liso onde são fixados inscrições e elementos decorativos, para serem vistos por quem passa correndo pela auto-estrada. Ocorre uma superficialização do prédio: por trás da fachada ele é um simples galpão igual a todos os outros (PEIXOTO, 1990, p. 362).

Peixoto atribui esta nova linguagem do edifício galpão a uma interpretação da linguagem da arquitetura pós-moderna, que transforma os edifícios em murais,

letreiros, telas. “Painéis luminosos que reproduzem castelos medievais ou haciendas mexicanas. Assim no espaço urbano, [...] Em vez de se construir a representação, se representa a construção” (PEIXOTO, 1990, p. 362).

Esta nova maneira de interpretação do lugar, constituído então de uma arquitetura que atua como suporte de placas e letreiros, acarreta, conseqüentemente, uma mudança de identidade desse lugar: “O mundo se converte num cenário, os indivíduos em personagens. Cidade – cinema. Tudo é imagem” (PEIXOTO, 1990, p. 361).

Assim, o edifício que ainda nos anos de 1970 apresentava características estilísticas da arquitetura eclética é encoberto por placa e letreiros, passando a ser um elemento de mídia, contribuindo para a transformação da identidade do lugar (figura 13



Figura 13. Croqui de sobrados que encobertos por letreiros transformam a identidade do lugar.

Já Robert Venturi (2003) analisa a arquitetura comercial com um foco específico na cidade de Las Vegas, nos EUA. Cidade cuja principal avenida, a *Strip*, abriga diversos cassinos e hotéis, destacando-se por possuir uma arquitetura composta por uma grande quantidade de letreiros e de luminosos.

Venturi (2003) assume a arquitetura de Las Vegas como um fenômeno de comunicação, sem questionar os valores morais que envolvem a relação da propaganda e sua relação com o usuário desse espaço. Segundo o autor, “a moralidade da propaganda comercial, dos interesses do jogo e do instinto competitivo não está em questão” (VENTURI, 2003, p. 27), apesar de acreditar que esta percepção faz parte das tarefas mais amplas do arquiteto.

Através desta análise, a arquitetura comercial que se apresenta em Las Vegas unicamente através de placas luminosas é classificada como antiespacial (VENTURI, 2003, p. 40); segundo este autor: “uma arquitetura mais de comunicação do que de espaço; a comunicação domina o espaço como um elemento na arquitetura e na paisagem” (VENTURI, 2003, p. 40).

Tal entendimento sobre a arquitetura que é representada pelo letreiro como antiespacial (VENTURI, 2003, p. 27), coincide com a definição de Peixoto que a

traduz não como uma construção, mas como uma “representação da construção” (PEIXOTO, 1990, p. 361), ou seja, o edifício construído tem como objetivo principal a comunicação, neste caso em forma de publicidade. Relacionando assim arquitetura e publicidade, Venturi (2003, p. 35) compreende a arquitetura comercial como uma “arquitetura de persuasão”.

Para compreender a “arquitetura de persuasão” (VENTURI, 2003, p. 35), demonstra o autor a diferença entre a comunicação existente em um bazar árabe, ou seja, em uma antiga forma de comércio e a loja ocidental dos tempos atuais. No bazar a relação entre o produto comercializado e o consumidor se dá pela proximidade que existe entre ambos (os sons, os odores, o tato, contribuem para tal).

Havendo neste caso o que o autor denomina de “persuasão oral explícita” em oposição aos tempos atuais onde a “embalagem gráfica substitui a persuasão oral do vendedor e o sinal gráfico, no espaço se tornou a arquitetura dessa paisagem” (VENTURI, 2003, p. 39).

Nesta paisagem comercial, salienta Venturi, a arquitetura não é suficiente. “Uma vez que as relações espaciais são feitas mais por símbolos do que por formas, a arquitetura nessa paisagem se torna mais símbolo no espaço do que forma no espaço” (VENTURI, 2003, p. 40). Chega-se então ao extremo da própria construção ser o anúncio, como exemplifica o autor com a edificação denominada “O Patinho de Long Island, que é símbolo escultural e abrigo arquitetônico” (VENTURI, 2003, p. 40). (figura 14).

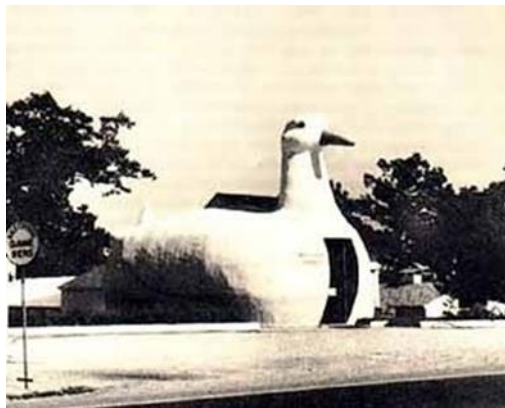


Figura 14. O Patinho de Long Island. Fonte: Venturi, 2003.

Também se observa na arquitetura da Strip, de Las Vegas, que apenas as fachadas frontais das edificações têm tratamento estilístico, os fundos da edificação não são tratadas plasticamente, “mesmo os cassinos dão suas costas ao entorno local, expondo formas e espaços residuais dos equipamentos mecânicos e áreas de serviço” (VENTURI, 2003, p. 53)

Enfatizando a imagem, acima do processo ou da forma, Venturi (2003) apresenta para fins comparativos duas manifestações arquitetônicas básicas para análise:

A primeira manifestação Venturi (2003, p. 118) denomina de Edifício Pato:

Quando os sistemas arquitetônicos de espaço, estrutura e programa são submersos e distorcidos por uma forma simbólica global, chamamos esse tipo de edifício, que se converte em escultura, de pato, em homenagem ao “Patinho de Long Island”, avícola em forma de pato [...].

A segunda manifestação é denominada de “Galpão Decorado; tipo de edifício cujos sistemas de espaço e estrutura estão diretamente a serviço do programa, e, o ornamento se aplica sobre estes com independência”. (VENTURI, 2003, p. 119). Figura 3/06.

“O pato é a edificação especial que é um símbolo; o galpão decorado é o abrigo convencional a que se aplicam símbolos”. (VENTURI, 2003, p. 119) (figura 15).

Ambos os autores estudados concordam com o fato da arquitetura comercial atual ser orientada para o automóvel, típica do espalhamento (sic) urbano. Outrossim, Venturi (2003, p. 119) “procura defender o simbolismo do feio e do banal na arquitetura e a significação particular do galpão decorado, com frente retórica e fundos convencionais: por uma arquitetura como abrigo com símbolos por cima”.

Mas como associar esta arquitetura descrita por Venturi (2003) e Peixoto (1990) à arquitetura existente nos sítios históricos do Centro recifense? visto que as lojas dos sítios históricos estudados são localizadas em espaços de passagem, direcionados ao consumidor que anda a pé e as lojas descritas por Venturi e Peixoto encontrarem-se em corredores viários de maior velocidade.

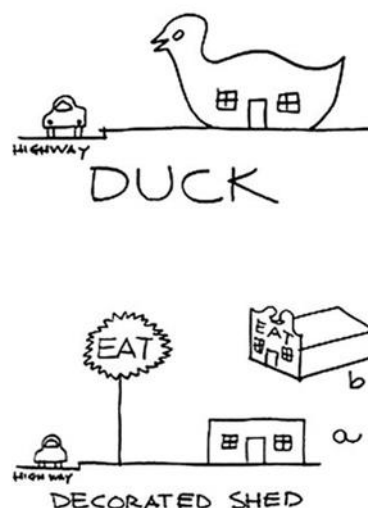


Figura 15. Edifício Pato e Galpão Decorado. Fonte: Venturi: 2003.

Partindo das funções básicas do varejo, estabelecidas pelas teorias do marketing varejista: “i) fornecer uma variedade de produtos e serviços, ii) dividir lotes em pequenas quantidades, iii) manter estoque e iv) fornecer serviços”.

(BERNARDINO et al., 2004, p. 17), percebe-se que, morfológicamente, a resposta para atender estas funções resume-se em: espaço de venda (aquele que abriga as atividades relacionadas ao fornecimento de uma variedade de produtos e serviços) e espaço de depósito (aquele que abriga as atividades relacionadas à manutenção de estoques e divisão de lotes de mercadorias).

Estas funções básicas do varejo condicionam, atualmente, as transformações morfológicas da arquitetura comercial (nos sítios históricos ou em outras áreas da cidade). O edifício comercial, atualmente, abriga o espaço de depósito e o espaço de comércio. Os edifícios das áreas históricas estudadas abrigavam o espaço do comércio e o espaço da residência.

No espaço público urbano criam-se as “situações de comunicação” (BLACKWELL, MINIARD, ENGEL, 1999, p. 508), e as fachadas dos imóveis contribuem para isso. “Galpões decorados, patos” (VENTURI, 2003, p. 119) ou sobrados enfeitados são veículos (cenários) formadores das situações de comunicação, seja para o pedestre (expondo mercadorias nas calçadas, com portas largas, com alto-falantes ou letreiros), seja para o consumidor motorizado (com painéis luminosos e grandes placas ou com figuras excêntricas como o pato).

Os elementos da fachada, enquanto modificadores da arquitetura do edifício, são participantes da comunicação gerada pelo estabelecimento comercial. Destacam-se como modificadores das fachadas dos edifícios históricos o acesso à loja (a porta larga) e as superfícies publicitárias.

O edifício comercial apresenta-se formalmente na área de estudo com um espaço aberto no térreo (espaço de contato direto consumidor / mercadoria) e um espaço cheio (com poucas, ou nenhuma abertura) nos demais pavimentos. Este último sendo utilizado para a persuasão visual da loja através da colocação de placas /letreiros. Neste tipo coberto por letreiros, a fachada do edifício passa muitas vezes a ser uma área de exposição de mercadorias, tornando-se mutável, pois as mercadorias são substituídas diariamente.

4 Conclusão

As casas térreas e os sobrados, construções típicas, presentes e formadoras da estrutura urbana do Recife vem sofrendo um longo e persistente processo de transformação nas suas estruturas externas, colocando em risco, a sua permanência e conseqüente preservação dos sítios históricos da cidade.

As primeiras transformações ocorridas ainda na primeira metade do século XIX, atendendo exigências formalizadas nas posturas municipais, resultaram, entre outras, na introdução da platibanda no plano frontal da fachada, que, além de esconder a calha, desvia as águas pluviais da calçada e é suporte de ornatos e uma variedade de elementos compositivos aplicados a essas fachadas. Tais elementos, ao gosto do ecletismo do final do século XIX e início do século XX, assumem novos desenhos, de linhas geométricas, seguindo as tendências estilísticas

protoracionalistas ou modernas do século XX. Essas transformações ou modificações no desenho e tratamento das fachadas, entretanto, não significam uma alteração das tipologias arquitetônicas estudadas. A estrutura definidora das casas térreas e sobrados, remanescentes das primeiras ocupações, não sofrem alterações a ponto de comprometer a permanência desse tipo na paisagem recifense.

A transformação do tipo estudado ocorre de forma intensa a partir da década de 1960. O deslocamento da população residente no seu centro histórico tradicional para novos bairros repercute nas edificações que, com a perda da função residencial, passam a abrigar exclusivamente as atividades comerciais e/ou de prestação de serviços, usos que requerem uma nova organização programática. Conforme demonstrado, a transformação no plano da fachada não se restringe apenas a uma atualização estilística com os novos desenhos ou formas aplicadas à platibanda, mas a introdução de novos elementos como a marquise, abertura de porta larga, instalação de anúncios e letreiros, entre outros. As modificações, entretanto, ultrapassam o plano da fachada.

As configurações espaciais, tanto nas edificações térreas como dos sobrados, são convertidas unicamente ao programa comercial/prestação de serviço. Com a expansão dessas atividades e a necessidade de acréscimo de superfície do uso comercial, recorre-se à interligação de uma ou mais unidades que, em muitos casos, passam a ocupar todo o terreno, suprimindo dessa forma os quintais das antigas construções. Essas intervenções, não apenas transformam a escala e a volumetria dos antigos sobrados e casas térreas, como também destroem o parcelamento do solo remanescente da ocupação colonial. Nos casos mais radicais, conjunto de casas é demolido para construção de um novo edifício. As modificações agora não apenas introduzem novos elementos ou modificam os originais; suprimem ou simplificam os ornatos no tratamento da sua fachada visível, mas incorporam uma nova linguagem arquitetônica, ou mesmo convertem as antigas edificações descaracterizadas, em edifícios containers. Surge assim uma nova tipologia arquitetônica nos centros históricos preservados.

Apoiado nas ideias de Peixoto (1990) e Venture (2003) surge uma nova reflexão na transformação do edifício comercial no contexto da sociedade contemporânea quando traduz a arquitetura não como uma construção, mas como uma “representação da construção” (PEIXOTO, 1990, p. 361). Nesse caso o edifício construído tem como objetivo principal a comunicação em forma de publicidade. Relacionando arquitetura e publicidade, Venturi (2003, p. 35) compreende a arquitetura comercial como uma “arquitetura de persuasão” onde, para atingir seus objetivos, a edificação assume as mais diversas formas ou é apenas um suporte para aplicação dos diferentes meios de publicidade. Diante das expectativas geradas pelo uso comercial não se pactua qualquer compromisso com as pré-existências. Estabelece-se assim um conflito entre a preservação do patrimônio construído e dessa forma das tipologias arquitetônicas que conformam os sítios históricos da cidade.

Entendemos que inserção de novos usos ou programas nas edificações preservadas tem sido uma condição para manutenção e conservação dos conjuntos históricos e das antigas estruturas. O reconhecimento e a proteção legal do patrimônio construído parece não ser suficiente para preservação efetiva das antigas casas térreas e dos sobrados típicos da paisagem recifense. Quais os limites entre a preservação das tipologias herdadas da formação urbana do Recife e a inserção de novos usos e das novas demandas programáticas? Não será, o reconhecimento de valor histórico ou artístico conferido ao edifício ou ao conjunto urbano significativo por representar um determinado momento cultural, suficiente para garantir sua permanência?

4 Referências

- BAUDRILLARD, Jean. 2007. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70.
- BLACKWELL, Roger; MINIARD, Paul; ENGEL, James. **Comportamento do consumidor**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.
- BARRETO, Ângela Maria Maranhão Barreto. **O Recife através dos tempos: a formação de sua paisagem**. Recife: Edições FUNDARPE, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CURY, Isabelle (org.). **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- KOOLHAAS, Rem. **Contents**. São Paulo: Editora Tashen, 2004.
- _____. **Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2008.
- FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- _____. **Sobrados e mocambos**. 14. ed. rev. Recife: Global Editora, 2003.
- KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. São Paulo: Atlas, 1998.
- MENDES, Camila Faccioni. **Paisagem Urbana. Uma Mídia Redescoberta**. São Paulo: SENAC, 2006.
- MENEZES, José Luiz da Mota (Org.). **Atlas histórico Cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.
- NÓBREGA, Maria de Lourdes C. da Cunha. **Todo caminho dá na venda. A influência do comércio de varejo nas transformações físicas do espaço**

urbano. Os bairros do Recife, Santo Antônio e São José. 1970-2006. Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife, 2008.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas.** São Paulo: SENAC, 2003.

_____. **O olhar do estrangeiro.** In: NOVAES, Adauto et al. O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. **Plano de Preservação dos Sítios Históricos. Recife, Secretaria de Planejamento.** Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife, 1978.

RECIFE. **Lei Municipal nº 16.176 / 1996.** Estabelece a lei de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife. Diário Oficial, Recife: Prefeitura do Recife.

_____. **Decreto nº 13.957 / 1979.** In: PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Preservação de Sítios Históricos. Recife. p. 13-15. Prefeitura do Recife.

SAIANI, Edmour. Loja viva. **Revolução do pequeno varejo brasileiro.** Rio de Janeiro: SENAC, Rio Editora, 2006.

SETTE, Mário. **Arruar. História Pitoresca do Recife antigo.** Coleção Pernambucana, v. 12. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial.** Tese. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2002.

VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. 20. **Aprendendo com Las Vegas.** São Paulo: Editora Cosac Naify, 2003.

ZANCHETI, Silvio Mendes. **A Economia Urbana do Recife. 1851 – 1880.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Recife, 1989.

ZANCHETI, Silvio; MARINHO, Geraldo; LACERDA, Norma (Org.). **Revitalização do Bairro do Recife. Plano, regulação e avaliação.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.